



ANÁLISE DO PROCESSO DE ENSINO DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NAS AULAS DE ESPANHOL POR PROFESSORES NÃO NATIVOS

ANALYSIS OF THE PROCESS OF TEACHING LINGUISTIC VARIATIONS IN SPANISH CLASSES BY NON-NATIVE TEACHERS

Joilton Garcia do Amaral¹
Maria Solange de Farias²

RESUMO

Apresentar a variação dialetal do espanhol e dentro dela a norma a ser ensinada é uma tarefa árdua para o professor, pois as línguas mudam conforme as zonas geográficas, as classes sociais e as situações comunicativas onde são faladas. Diante disso, nosso objetivo principal é analisar o processo de ensino das variações linguísticas nas aulas de ELE por professores não nativos. Nossa pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva e de estudo de caso; nela, utilizamos, como instrumento de coleta de dados, a análise de material, a observação direta e o questionário. Para o embasamento teórico, usamos autores como Delgado Fernández (2013), Andiñón Herrero (2008) e Moreno Fernández (2007). Como conclusão, verificamos que o ensino das variações linguísticas tem pouco espaço nas aulas de ELE, embora os professores reconheçam a importância do seu ensino para o processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Variação linguística. Modelo linguístico. Professor não nativo. Ensino de ELE.

ABSTRACT

Presenting the Spanish dialectal variation and within it the norm to be taught is an arduous task for the teacher, because languages change according to geographical areas, social classes and communicative situations where they are spoken. Given this, our main objective is to analyze the process of teaching linguistic variations in SFL classes by non-native teachers. Our research is characterized as qualitative,

¹ Licenciado em Letras Língua Espanhola e Respectivas Literaturas. Mestrando em Ciências da Linguagem (UERN). E-mail: joiltongarcia@hotmail.com

² Doutora em Língua Espanhola pela Universidad de Salamanca (USAL). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: solangefarias@uern.br

descriptive, and case study; we used material analysis, direct observation, and a questionnaire as data collection tools. For the theoretical background, we used authors such as Delgado Fernández (2013), Andión Herrero (2008), and Moreno Fernández (2007). As a conclusion, we verified that the teaching of linguistic variations has little room in SFL classes, although teachers recognize the importance of its teaching for the learning process.

Keywords: Linguistic variation. Linguistic model. Non-native teacher. SFL teaching.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Segundo o Informe do Instituto Cervantes, elaborado por Fernández Vítors (2021), a língua espanhola é a segunda língua materna no mundo, concernente ao número de habitantes, com aproximadamente 493 milhões de falantes nativos, distribuídos em 21 países. Esse número aumenta para mais de 591 milhões quando se soma a quantidade de falantes a nível global. Logo, quando considerado todos os falantes (nativos e não nativos), o idioma ocupa o terceiro lugar. Estas cifras estão relacionadas a uma enorme extensão geográfica, fatores sociais e manifestações culturais diversificadas, que ocasionam uma grande diversidade linguística.

Dada essa pluralidade, determinar a variação geográfica que se levará à sala de aula é uma tarefa que exige esforço e conhecimento por parte do docente e costuma levantar discussões complexas.

Com base nesses dados e nas suas implicações para o processo de ensino/aprendizagem de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE), realizamos nossa pergunta problema: como se dá o processo de ensino das variações linguísticas do espanhol por professores não nativos?

Por conseguinte, o objetivo geral de nosso trabalho consiste em analisar o processo de ensino das variações linguísticas nas aulas de ELE por professores não nativos. Como objetivos específicos, selecionamos três: verificar a abordagem do professor não nativo de espanhol para o ensino das variações linguísticas; descrever as atividades propostas para o ensino das variações linguísticas observando a relação que se estabelece com os demais conteúdos trabalhados; e averiguar a formação recebida pelo professor não nativo para o ensino das variações linguísticas mediante a aplicação de um questionário.

Para nosso estudo, partimos dos conceitos de variação linguística propostos por Moreno Fernández (2007, 2019) e Carbó *et al* (2003) e dos modelos de língua de Delgado Fernández (2013) e Andión Herrero (2008). Como metodologia, adotamos uma pesquisa qualitativa, descritiva e de estudo de caso, utilizando como técnica de coleta de dados a observação direta, a análise de material e o questionário.

Cabe ressaltar que essa pesquisa é resultante de um projeto desenvolvido no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e se justifica pela necessidade de conhecimentos que ajudem professores e alunos a conhecerem melhor as variações linguísticas do espanhol e os modelos de língua disponíveis para levar à sala de aula.

Para uma melhor compreensão, dividimos este estudo em cinco partes, incluindo esta introdução. Na segunda parte, tratamos dos aspectos teóricos sobre os fatores que determinam as variações linguísticas, as zonas dialetais do espanhol e os modelos de língua criados; na terceira, detalhamos os aspectos metodológicos;

na quarta, a análise e discussão dos resultados a partir dos dados coletados na observação das aulas, na descrição do material utilizado pelo professor não nativo para ensinar as variações linguísticas e no questionário aplicado; e, por último, na quinta parte, apresentamos nossas considerações finais.

2 AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

A língua está sujeita a variações, pois ela é plural e dinâmica. Essa dinamicidade é provocada por fatores históricos, regionais, sociais ou situacionais. Assim, o espanhol do México não é igual ao espanhol falado no Uruguai. Ainda que mexicanos e uruguaios falem o mesmo idioma, ambos países possuem particularidades na forma de falar, tanto em relação ao léxico quanto aos aspectos gramaticais e fonéticos.

Isso demonstra a gama de variações que existe em uma língua, seja na comparação com dois ou mais países, ou dentro do próprio país, em que há regiões que possuem formas próprias de falar e de se expressar (VALCÁRCEL e SALVADOR, 2008). Desse modo, as variações linguísticas apresentam “diferentes conjuntos definidos de características peculiares que caracterizam seu uso por parte de uns e outros grupos de falantes em virtude de determinados fatores”³ (RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS *et al*, 2004, p. 162).

A variação diacrônica ou histórica está relacionada à evolução da língua, desde sua criação até o momento atual. Dessa forma, a língua espanhola, de acordo com Valcárcel e Salvador (2008), passou por quatro estágios de evolução: o espanhol medieval do século XIII; o espanhol clássico do século XVI; o espanhol pós criação da *Real Academia Española* (RAE), no século XVIII; e o espanhol atual, caracterizado pelo avanço tecnológico, contato com emigrantes, uso de anglicismos etc.

A variação diastrática ou social está relacionada às camadas sociais e se caracteriza por aspectos linguísticos referentes à idade, ao nível de conhecimento, ao ambiente, aos grupos sociais, entre outros (RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS *et al*, 2004).

Já a variação diafásica ou funcional se refere ao contexto de uso e depende da situação comunicativa na qual está inserida. Está relacionada a alguns elementos, dentre eles o “meio, ou seja, se o texto é oral ou escrito; o caráter da noção abordada, isto é, se é uma matéria especializada ou comum, por exemplo; e a relação entre os falantes (de cortesia ou de confiança)”⁴ (RICHARD, 2015, p. 135).

A variação diatópica ou geográfica diz respeito à zona geográfica do falante, sendo possível, ainda, fazer uso do termo variação dialetal. No tocante ao dialeto, Rodríguez Puértolas *et al* (2004, p. 162) tratam esse termo como “o conjunto de peculiaridades fonéticas, morfossintáticas e léxicas com que se fala uma língua em uma área geográfica mais ou menos definida”⁵.

Tendo em vista essas classificações e conceitos, no tocante à língua espanhola, Moreno Fernández (2007) afirma que existem duas grandes áreas

³ Todas as traduções foram realizadas pelos autores deste trabalho. Texto original: diferentes conjuntos definidos de rasgos peculiares que caracterizan su uso por parte de unos y otros grupos de hablantes en virtud de determinados factores.

⁴ Texto original: medio, es decir, si el texto es oral o escrito; el carácter de la noción abordada, esto es, si es una materia especializada o corriente, por ejemplo; y la relación entre los hablantes (de cortesía o de confianza).

⁵ Texto original: el conjunto de peculiaridades fonéticas, morfosintáticas y léxicas con que se habla una lengua en una zona geográfica más o menos definida.

geográficas, a da Espanha e a da América. No entanto, apesar de compartilharem características gerais, o espanhol falado nessas áreas não é uniforme, sendo a variação fruto da história, dos costumes, da localização, dentre outros aspectos.

Moreno Fernández (2007) afirma ainda que, ao longo dos anos, foram criadas muitas propostas de zonificação fundamentadas em aspectos fonético-fonológicos, nas características do léxico ou em fenômenos gramaticais. Ademais, aponta que dentro da América e da Espanha há várias zonas dialetais representadas por usos linguísticos de algumas cidades cujos usos são mais influentes, como podemos observar no **Quadro 1**.

Quadro 1 – Classificação das zonas dialetais da América e da Espanha.

América		
Zonas dialetais	Cidades influentes	Principais traços linguísticos
Zona caribenha	Havana e Santo Domingo	Fonética-fonologia: prolongamento vocálico, <i>seseo</i> ⁶ , <i>yeísmo</i> ⁷ , debilitamento e perda das consoantes ao final da sílaba, nasalização de vogal em contato com nasal final, pronúncia de [l] como [r]. Gramática: uso de pronome pessoal sujeito, de <i>ustedes</i> , <i>su</i> , <i>suyo/a(s)</i> e <i>se</i> , uso de <i>Pretérito Indefinido</i> (PI) com valor de <i>Pretérito Perfecto</i> (PP) e <i>tuteo</i> . Léxico: uso de americanismos (<i>soya</i> , <i>cachetes</i> , <i>plomero</i> , <i>frijol</i>), marinheirismos (<i>botar</i> , <i>virar</i> , <i>guindar</i>), indigenismos (<i>ají</i> , <i>papaya</i>) e afronegrismos (<i>bemba</i> , <i>chango</i> , <i>chiringa</i>).
Zona mexicana e centro-américa	Cidade do México	Fonética-fonologia: debilitamento e perda de vogais átonas, <i>seseo</i> , <i>yeísmo</i> . Gramática: uso de <i>ustedes</i> , <i>su</i> , <i>suyo/a(s)</i> e <i>se</i> , <i>tuteo</i> , uso de PI com valor de PP, uso de <i>acá</i> e <i>allá</i> . Léxico: uso de americanismos e marinheirismos da zona caribenha e de indigenismos (<i>cuate</i> , <i>elote</i> , <i>pulque</i>).
Zona dos andes	Bogotá e Lima	Fonética-fonologia: debilitamento e perda de vogais átonas, <i>seseo</i> , <i>yeísmo</i> . Gramática: uso de <i>ustedes</i> , <i>su</i> , <i>suyo/a(s)</i> e <i>se</i> , uso de <i>vos</i> e <i>tú</i> , uso de PI com valor de PP, diminutivos afetivos, <i>leísmos</i> e <i>loísmo</i> , uso de <i>acá</i> , <i>allá</i> , <i>no más</i> . Léxico: uso de americanismos e marinheirismos da zona caribenha e de indigenismos (<i>poroto</i> , <i>choclo</i>).
Zona rioplatense e do Chaco	Buenos Aires e Assunção	Fonética-fonologia: <i>seseo</i> , <i>yeísmo</i> , zonas de distinção de [ll] e [y]. Gramática: uso dos traços da zona dos andes, com exceção do pronome <i>vos</i> ; uso do prefixo <i>re-</i> . Léxico: uso de americanismos e marinheirismos da zona caribenha e os indigenismos da zona dos andes.
Zona chilena	Santiago	Fonética-fonologia: <i>seseo</i> , <i>yeísmo</i> , aspiração de [s]. Gramática: uso de <i>ustedes</i> , <i>su</i> , <i>suyo/a(s)</i> e <i>se</i> , uso de PI com valor de PP, uso de <i>acá</i> , <i>allá</i> , <i>no más</i> . Léxico: uso de americanismos, marinheirismos e indigenismos (<i>ají</i> , <i>papaya</i> , <i>poroto</i> , <i>choclo</i>).

⁶ O *seseo* é caracterizado pela ausência do fonema interdental /θ/ e presença do fonema /s/. (MORENO FERNÁNDEZ, 2019).

⁷ O *yeísmo* é caracterizado pela ausência do fonema palatal /ʎ/. (MORENO FERNÁNDEZ, 2019).

Espanha		
Zonas dialetais	Locais de influência	Principais traços linguísticos
Zona castelhana	Madri e Burgos	Fonética e fonologia: distinção de [s] e [z]; <i>yeísmo</i> , distinção de [ll] e [y] por idosos e camponeses. Gramática: uso do pronome <i>vosotros/as</i> , <i>vuestro/a(s)</i> e <i>os</i> , <i>tuteo</i> . Léxico espanhol: <i>gilipollas</i> , <i>molar</i> , <i>follón</i> , <i>coche</i> , <i>vale</i> , <i>noria</i> , <i>comba</i> , <i>chándal</i> , <i>chubasquero</i> .
Zona andaluza	Sevilha e Granada	Fonética e fonologia: <i>seseo</i> urbano, <i>yeísmo</i> , debilitamento e perda das consoantes ao final da sílaba. Gramática: uso de <i>ustedes</i> , <i>su</i> , <i>suyo/a(s)</i> e <i>se</i> . Léxico espanhol: vide zona castelhana.
Zona canária	Las Palmas e Santa Cruz de Tenerife	Fonética e fonologia: <i>seseo</i> , <i>yeísmo</i> , aspiração, debilitamento e perda das consoantes ao final da sílaba. Gramática: uso de <i>ustedes</i> , <i>su</i> , <i>suyo/a(s)</i> e <i>se</i> , <i>tuteo</i> . Léxico espanhol: vide zona castelhana; uso de americanismos (<i>papa</i> , <i>guagua</i> , <i>cachete</i>).

Fonte: Adaptado de Moreno Fernández (2007).

Diante do quadro exposto, percebemos a diversidade de elementos linguísticos que existem nas zonas apresentadas. Como podemos verificar, na região da América, há grande influência do uso de americanismos, marinheirismos, indigenismos e afronegrismos. Julgamos que essa influência advém da evolução histórica pela qual os povos americanos passaram desde a chegada dos europeus em suas terras. Com isso, a língua espanhola foi sendo moldada a partir da influência do idioma nativo dessas terras, das expressões marítimas dos navegantes e dos africanos que ali eram escravizados.

No que concerne à escolha da variação social a ser utilizada em sala de aula, os professores costumam ensinar a variação coloquial e a culta. Ao escolher a variação social, professores e alunos dão preferência à variedade formal da linguagem. Entretanto, haja vista a diversidade linguística existente no espanhol (como observamos no quadro 1), determinar a variação dialetal que se levará à sala de aula é uma tarefa que exige esforço e conhecimento do docente, uma vez que terá que selecionar o que julga mais importante para a aprendizagem dos alunos.

Nessa difícil decisão de escolher a variante dialetal e a norma padrão para levar à sala de aula, o professor deve levar em consideração: a) as necessidades específicas do aprendiz; b) a variedade geográfica do professor, já que seria ilógico pedir a um professor nativo que utilizasse uma outra variante diferente da sua em função de uma norma; e c) “a variedade do lugar onde se encontra o centro de ensino, no caso de que o aprendiz se encontre em um lugar onde se fale a língua que aprende”⁸ (IRUELA, 2004, p. 229).

Antes de tomar essa decisão, o docente deve considerar também que, para a Linguística, todas as formas de falar têm a mesma importância. Portanto, não há um “melhor” ou “pior” espanhol para ensinar e que dentro das variantes existe uma norma culta e outras formas de falar consideradas coloquiais e vulgares (POCH OLIVÉ, 1999). Esses conhecimentos também o ajudarão a determinar que modelo de pronúncia ensinará em sala aula e quando poderá ensiná-lo.

⁸ Texto original: La variedad del lugar donde se encuentra el centro de enseñanza, en caso de que el aprendiz se encuentre en un lugar donde se hable la lengua que aprende.

Ainda em relação à escolha da variação, segundo Carbó *et al* (2003), os docentes deveriam utilizar uma mesma norma padrão, de modo a facilitar seu trabalho, assim como a aprendizagem dos alunos. Além disso, seria um elemento unificador que daria acesso a uma fala comum. No entanto, não pode deixar de mostrar aos aprendizes outras variações não normativas dos diferentes territórios hispânicos.

Dessa forma, na tentativa de determinar um modelo de língua comum e de prestígio para aplicar no ensino de espanhol, alguns linguistas criaram modelos para estabelecer uma variação comum a todos os hispanofalantes: espanhol padrão (*estándar*), espanhol neutro ou internacional e norma⁹, como forma de representar os falantes de forma holística. Apesar de se tratar de termos amplamente utilizados, alguns deles possuem quase os mesmos significados, dificultando sua interpretação (DELGADO FERNÁNDEZ, 2013). Dito isso, apresentamos, na sequência, os conceitos dos modelos citados.

Tendo em vista a diversidade do espanhol, surgem algumas dificuldades e questionamentos que dividem opiniões acerca de qual variação deve ser levada para as aulas de ELE. Sendo assim, foi necessária a criação de modelos linguísticos com o objetivo de orientar os professores e facilitar a aprendizagem dos alunos. Um dos fatores culminantes para essa criação foi o fato de o espanhol peninsular (mais precisamente o de Castilha) haver sido considerado, por muito tempo, como o de maior prestígio, pondo em um nível inferior as demais variações existentes na própria Espanha e nos países da América (CONTRERAS IZQUIERDO, 2017).

Sabendo dessa divisão, o primeiro modelo criado foi o de língua *estándar*. Esse modelo linguístico se caracteriza pela presença de elementos linguísticos comuns a todas as variações do espanhol. Além disso, relaciona-se com a língua padrão e tem como objetivo criar um modelo de correção e cultura (RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS, *et al*, 2004). No entanto, Delgado Fernández (2013) afirma que, por ser um modelo comum, surgem problemas relacionados ao fato dessas variações não possuírem os mesmos usos linguísticos. Tomemos como exemplo o pronome *vosotros*. Tal pronome é utilizado em algumas zonas da Espanha, mas não é usado nos países latino-americanos.

Dando sequência, o espanhol neutro (ou internacional) serve de veículo de comunicação e interpretação para todo o mundo hispânico, sendo considerado um sistema flexível que reúne características “associadas a núcleos ou comunidades de prestígio mais concretos dentro do mundo hispânico e os expande por todos os seus usuários”¹⁰ (ANDIÓN HERRERO, 2008, p. 15).

Esse modelo foi bem aceito em diferentes meios de comunicação, principalmente nos países hispano-americanos. No entanto, sofre críticas, posto que acaba não considerando as particularidades regionais (DELGADO FERNÁNDEZ, 2013). Como vimos no quadro 1, há diversos traços característicos de cada região. Desse modo, o motivo desse modelo receber críticas advém do fato dele apresentar aspectos gerais do espanhol em detrimento dos mais específicos, haja vista estes últimos serem utilizados por uma parcela menor de falantes.

Por fim, a norma, de acordo com Andión Herrero (2008, p. 18), é o “conjunto de usos linguísticos concordados por uma comunidade de falantes como corretos e

⁹ Optamos pelo termo norma, em nossa pesquisa, haja vista que os autores que nos baseamos como referência teórica utilizam a mesma terminologia.

¹⁰ Texto original: asociadas a núcleos o comunidades de prestigio más concretos dentro del mundo hispánico y las expande por todos sus usuarios.

aceitáveis”¹¹ e que se produz por meio de uma padronização prescritiva, tendo como preceitos os aspectos sociais dos falantes. Entretanto, isso não significa que uma comunidade linguística fale melhor que outra, já que “existem distintas normas regionais e que nenhuma ostenta o posto de superior”¹² (DELGADO FERNÁNDEZ, 2013, p. 24).

É importante frisar que não há consenso em relação aos modelos existentes, uma vez que as classificações mudam a depender do autor que esteja sendo estudado. Como exemplo, há outros modelos, com características muito semelhantes como *glocal*, *global*, *panhispánico*, *general* e *latino*¹³, mas que não serão abordados em nosso estudo.

E qual(is) modelo(s) de língua os professores nativos e não nativos¹⁴ deve(m) utilizar no ensino de ELE? Essa é uma pergunta que ainda não tem uma resposta definitiva e que continua gerando diferentes opiniões. Para autores como Delgado Fernández (2013) e Andiñón Herrero (2008), o modelo *estándar* é um modelo incompleto porque não apresenta todas as estruturas linguísticas necessárias à comunicação, porém, é muito útil para os professores, pois apresenta as características mais comuns entre as variações dialetais do espanhol.

A vantagem do espanhol neutro (ou internacional) é o fato de apresentar tanto as características comuns como as gerais das variações, ou seja, preenche as lacunas do modelo *estándar*. No tocante à norma, é um modelo puramente prescritivo e que, no uso diário da língua, são utilizados fenômenos linguísticos que não fazem parte da norma. Portanto, os três modelos citados recebem críticas por não serem falados por nenhum nativo de espanhol (FARIAS, 2018), haja vista que cada falante possui suas peculiaridades.

Grande Alija (2000, p. 394), considera que a variação *estándar* é o ponto inicial para o ensino do ELE, “pelo seu alto grau de codificação, prestígio, versatilidade, riqueza, estabilidade, função homogênea e de referência”. No entanto, o autor ainda afirma que não se pode excluir as outras variações linguísticas. Dessa forma, o professor não nativo, ao ensinar o idioma espanhol, deve primeiro apresentar o modelo *estándar*, que servirá de base para desenvolver as habilidades linguísticas dos alunos, para, em seguida, expor os outros modelos.

Na esteira do pensamento de Delgado Fernández (2013), pode-se afirmar que, apesar dos modelos *estándar*, neutro e norma apresentarem falhas, o neutro seria o modelo de língua mais valorizado no ensino do idioma em contextos nos quais há muitas variedades do espanhol. Ademais, a autora orienta que o professor, apesar da existência desses modelos de língua, pode criar um modelo a partir de uma única variação.

Por exemplo, se o professor ensina espanhol em um contexto de imersão linguística, ele pode ensinar a variação desse lugar; se ensina em um contexto com múltiplas opções, ele pode escolher uma variação concreta como modelo de ensino e aprendizagem, mas tendo a consciência de que não estaria atendendo à diversidade geográfica do espanhol e, portanto, deve incorporar outras variações aos materiais utilizados em sala de aula.

¹¹ Texto original: conjunto de usos lingüísticos consensuados por una comunidad de hablantes como correctos y aceptables.

¹² Texto original: existen distintas normas regionales y que ninguna ostenta el rango de superior.

¹³ Estas são as classificações dadas por López González (2019).

¹⁴ Consideramos o professor não nativo como aquele que não é natural de um país cujo idioma oficial seja o espanhol. No caso da nossa pesquisa, os professores cujas aulas foram analisadas são brasileiros natos.

Pensamos que, no caso dos professores não nativos que ensinam espanhol, se não dominam uma variação específica, devem ensinar o espanhol neutro ou internacional, pois esse modelo de língua reúne as características comuns e gerais de todas as variações linguísticas do espanhol. O espanhol neutro teve, e continua tendo, uma excelente aceitação na América Hispânica como instrumento de comunicação com o resto do mundo hispânico.

Além disso, se o professor prefere uma variação específica do espanhol, pode escolhê-la, mas sem deixar de apresentar aos aprendizes outras variações. Também não pode deixar de reforçar que todas as variações linguísticas do espanhol têm seu valor social.

Expostas as características de cada modelo, daremos continuidade à pesquisa apresentando os aspectos metodológicos que a nortearam.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Como abordagem, realizamos uma pesquisa qualitativa, na qual detalhamos a análise do material didático utilizado, os dados obtidos a partir das observações das aulas ministradas pelos professores não nativos do espanhol e das respostas dos questionários aplicados, sem interferências.

Nossa pesquisa caracteriza-se como descritiva, uma vez que “parte-se do princípio de que os fatos devem ser analisados, classificados e interpretados de maneira que o pesquisador não interfira neles” (BASTOS, 2009, p. 76). Desse modo, descrevemos as aulas analisadas a partir do uso das variações linguísticas, seja na forma de ensino ou no uso do material didático.

Em relação ao método de procedimento, está caracterizada como estudo de caso, este sendo usado para “descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação” (GIL, 1999, p. 73).

No que se refere à técnica de pesquisa, classifica-se como documentação direta, uma vez que utilizamos a observação direta intensiva, com a observação das aulas de ELE; e a observação direta extensiva, com o uso do questionário como um dos instrumentos de coleta de dados (BASTOS, 2009).

Para realizar nossa pesquisa, pedimos a assinatura de um termo de autorização a cada professor. Para manter em anonimato o nome dos participantes, os chamamos de professores A (nível inicial), B (nível intermediário), C (nível pré-avançado) e D (nível avançado).

Tendo em vista a pandemia que perpassou o período de produção deste trabalho, as aulas que observamos foram ministradas de forma remota, por meio do *Google Meet*. Foram analisadas 50% do total de aulas das disciplinas de Fundamentos da Língua Espanhola, Língua Espanhola III, V e VI, entre os semestres letivos de 2020.1 e 2020.2.

Para analisar o processo de ensino das variações linguísticas nas aulas de ELE por professores não nativos, contamos com a colaboração de 4 professores da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na qual há o ensino de ELE. Como primeiro passo, analisamos o material didático, visto que, normalmente, é ele que mais orienta as atividades desenvolvidas na sala de aula pelo docente; em um segundo momento, após pedir a autorização dos professores, fizemos a observação direta das aulas; e, por fim, aplicamos o questionário.

Para a análise do material didático, os critérios utilizados foram: (a) apresentação dos conteúdos relacionados com as variações linguísticas no manual; (b) as atividades propostas para o ensino das variações observando a relação que

se estabelece com os demais conteúdos trabalhados; e (c) a variação da língua espanhola privilegiada e as consequências dessa escolha.

Os critérios utilizados para a observação das aulas foram: (a) as variações levadas à sala de aula; (b) as atividades para o ensino das variações linguísticas do espanhol e o tempo dedicado a elas; e (c) como se integra o ensino das variações com os demais conteúdos trabalhados (gramática, léxico, conversação etc.).

No tocante ao questionário, fizemos oito perguntas sobre o ensino das variações linguísticas, além da formação do professor para ensiná-las. Dessa forma, com vistas a obtermos respostas baseadas nas reflexões dos docentes, a elaboração foi feita mediante perguntas abertas, para não induzir as respostas.

Para confrontarmos o posicionamento dos professores e termos uma representação mais ampla da questão, baseamo-nos na análise dos materiais utilizados pelos professores, além da observação de suas aulas, uma vez que analisamos 50% do total de horas/aula, repartidas nos semestres letivos de 2020.1 e 2020.2, em diferentes níveis de aprendizagem.

Postos esses aspectos metodológicos acerca do estudo, na próxima seção, abordaremos a análise e a discussão dos resultados obtidos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, primeiramente, discorreremos sobre a análise do material didático utilizado pelos professores. Em seguida, analisamos as aulas ministradas por 04 professores não nativos, do curso de Letras-Espanhol. Por fim, realizamos a análise dos questionários respondidos.

4.1 Análise do material didático

O material utilizado pelos professores era composto por um livro didático da coleção *Español en Marcha* e alguns textos e atividades que chamamos de materiais complementares. Os 4 volumes dessa coleção foram publicados na Espanha, pela editora SGEL e estão pensados para jovens e adultos. Em relação à estrutura, todos eles estão divididos em 15 unidades e cada unidade possui 4 seções, nas quais são trabalhadas as 4 habilidades linguísticas: ler, escrever, escutar e falar. Além disso, os alunos aprendem conteúdos linguísticos como: gramática, vocabulário, pronúncia etc. Ao final de cada unidade, há temas direcionados à parte cultural, além de exercícios de autoavaliação.

O volume utilizado pelo professor A foi o *Español en Marcha 1* (CASTRO VIÚDEZ; RODERO DÍEZ; SARDINERO FRANCOS, 2006). A variação diatópica presente é a do espanhol peninsular *estándar* (COLOMA, 2011). De forma geral, na descrição dos conteúdos (da unidade 1 à unidade 5), não se fala de outras variações regionais, exceto, na unidade 1, que traz informações sobre o fonema interdental /θ/: afirma-se que muitos falantes da Espanha (em Canarias e Andaluzia) e dos países hispano-americanos não costumam realizá-lo, pois o pronunciam como /s/, ou seja, não diferenciam os sons [θ] e [s], fazendo uso do chamado *seseo*.

Além disso, verificamos a presença da variação diafásica, ao explicar o uso dos pronomes pessoais *tú* e *usted*, a partir de uma conversa formal e informal. Como materiais complementares, o professor A utilizou videoaulas. Durante a apresentação dos vídeos, deu explicações acerca dos temas abordados, dentre os quais constavam a diferença de uso do *tú* e *usted*.

O professor B trabalhou as unidades 14, 15 e 16 do livro *Español en Marcha 2* (CASTRO VIÚDEZ; RODERO DÍEZ; SARDINERO FRANCOS, 2006). Nelas, após a análise, verificamos que não há atividades nem temas que tratem das variações linguísticas. Os materiais complementares utilizados foram a resolução de exercícios de gramática: *indefinido, pretérito perfecto compuesto e pluscuamperfecto*.

O professor C utilizou o livro *Español en Marcha 4* (CASTRO VIÚDEZ *et al*, 2013). A variação linguística utilizada nesse volume é a do espanhol peninsular *estándar* (COLOMA, 2011). Nas 3 unidades trabalhadas pelo professor (10, 11 e 12), não se fala de outras variações linguísticas, tampouco o material complementar utilizado, já que foi o caderno de exercícios referentes aos temas daquelas unidades.

Por fim, o professor D utilizou as unidades 10, 11 e 12 do livro *Español en Marcha 4* (CASTRO VIÚDEZ; RODERO DÍEZ; SARDINERO FRANCOS, 2014). A variação linguística utilizada nesse volume, assim como nos outros, é a do espanhol peninsular *estándar* (COLOMA, 2011). No que concerne ao ensino das variações linguísticas, nas 3 unidades utilizadas pelo docente, observamos que não há atividades direcionadas ao ensino desse conteúdo linguístico; a maioria delas são destinadas ao ensino da gramática e do léxico. Nos materiais complementares utilizados pelo professor D, não observamos conteúdos relacionados com o ensino das variações linguísticas. Foram trabalhados um áudio com um conto, outro com uma lenda e exercícios gramaticais.

Essas observações nos permitem inferir que, para os autores desse material, não há a necessidade de ensinar outras variações linguísticas que não seja a utilizada no livro adotado. No entanto, “para o ensino de Língua Estrangeira, julgamos de vital importância o ensino [...], principalmente, da variação diatópica, para que o aluno tenha conhecimento da ampla diversidade linguística, por região geográfica” (PONTES, 2014, p. 229), pois, quanto mais variações conheça o aluno, mais competente será na língua estrangeira que estuda.

Ademais, a maioria dos materiais complementares utilizados pelos professores também não apresentaram atividade ou informação sobre as variações linguísticas. Portanto, de acordo com o material utilizado nas aulas, os professores privilegiaram a variação do espanhol peninsular padrão. Por conseguinte, se o material utilizado para ensinar o idioma não trata de outras variações que pertencem ao idioma, julgamos que seja tarefa do professor levar essas informações à sala de aula.

Dando continuidade à análise da pesquisa, exporemos, a seguir, os aspectos presentes nas aulas que foram observadas.

4.2 Análise das aulas

Das aulas observadas do professor A, verificamos, em atividades realizadas em sala, que o professor deu algumas explicações sobre a variação dialetal: a) trabalhou as letras do alfabeto espanhol e demonstrou seus respectivos sons; b) apresentou as palavras *paraguay* e *mayo*, pronunciando a primeira com a variação *yeísta* rioplatense [ɟ] e a segunda com a variação *yeísta* do espanhol castelhano [j] e afirmou que elas podem ser pronunciadas de modos distintos; e c) expôs um vídeo em espanhol e afirmou que uma das pessoas do vídeo utiliza o *ceceo*, e que essa é uma pronúncia da Espanha. Além disso, o professor explicou que a palavra *queque* é utilizada na Bolívia e significa bolo; explanou também que *computador* se diz *ordenador* na Espanha e *computadora* na América.

Em outros momentos das aulas do professor A, percebemos o ensino da variação diafásica. O professor explicou que o pronome pessoal *tú* é tratamento informal e que o *usted* é formal, complementando que o *usted* se utiliza com pessoas de mais idade e/ou quando se deve manter o respeito. O professor A também comentou que o pronome *usted* é usado, em alguns países, de modo informal; além disso, afirmou que o pronome *vosotros* é utilizado na Espanha no tratamento informal, mas que todos os países da América usam o pronome *ustedes*.

No que diz respeito à variação dialetal utilizada pelo professor A, tendo em vista o quadro 1 apresentado em nosso aporte teórico, observamos que utiliza uma variação com características do espanhol peninsular e da América, pois faz a distinção de pronúncia do *y* e do *ll*; faz uso do *seseo*; utiliza tanto o tempo verbal *pretérito perfecto compuesto* como o *pretérito indefinido*; em relação ao pronome, utiliza o *ustedes* e faz uso do *vale*.

Nas aulas do professor B, constatamos um único momento do ensino da variação dialetal. Em uma das aulas, o docente apresentou um vídeo para trabalhar aspectos culturais da Argentina e, após a audição, perguntou se alguém havia percebido a diferença no tocante à pronúncia do *ll*. Como nenhum aluno se manifestou, o docente explicou que há diferença em sua pronúncia em algumas zonas dialetais, visto que é falado de distintas formas em vários países, e explicou a pronúncia da variação *yeísta* rioplatense [3].

Em relação à variação dialetal utilizada pelo professor B, sua fala apresenta características do espanhol peninsular: uso do fonema interdental /θ/ e do /s/; a utilização do pronome *vosotros* e do *pretérito perfecto compuesto*; e também aspectos do espanhol rio-platense: uso de *dale* e de *ustedes*. Logo, apresenta características das duas grandes zonas dialetais classificadas por Moreno Fernández (2007): da América e da Espanha.

O professor C, em suas aulas, no tocante ao ensino das variações linguísticas, falou, em um momento específico, sobre a variação regional; explicou as diferentes pronúncias do *ll*, mas sem citar zonas dialetais; em outro momento, explicou que a palavra *pijo* é utilizada na Espanha e *fresa* no México para se referirem a mauricinho, ou seja, um jovem que demonstra ter muito dinheiro.

Também observamos, em suas aulas, o ensino da variação diafásica, ao explicar que as gramáticas apontam o *tú* para o uso informal e o *usted* para o formal e que o pronome *vosotros* não se usa nos países da América, se usa na Espanha (sem mencionar as regiões). Por fim, disse que na Argentina há o uso do *vos*, porém, sem detalhar seu uso.

Quanto à variação dialetal do professor C, verificamos, de acordo com as características apontadas por Moreno Fernández (2007), que possui uma variação dialetal com características do espanhol peninsular: uso do fonema interdental /θ/ e do /s/, uso do *pretérito perfecto compuesto*; uso do pronome *vosotros* e uso de *vale*.

Por fim, nas aulas observadas do professor D, não verificamos o ensino das variações linguísticas. Os conteúdos trabalhados nas aulas foram os gramaticais e um áudio com uma lenda, para praticar a oralidade.

No tocante à variação falada, o docente faz uso do espanhol neutro. Esse modelo é caracterizado pela ausência de marcas linguísticas associadas a alguma região em particular (LÓPEZ GONZÁLEZ, 2019). O docente utiliza características mais gerais, como o uso do pronome *ustedes*, uso de *ok* ou *está bien* no lugar de, por exemplo, *vale* (característico de zonas da Espanha) ou *dale* (característico de zonas da América).

Todas as informações observadas nas aulas dos professores referentes ao ensino das variações linguísticas estavam relacionadas com os conteúdos e temas gramaticais trabalhados nas unidades, quando elas apareciam, ou seja, em situações não planejadas.

Diante das observações realizadas, em consonância com Richard (2015), consideramos a necessidade desses professores se apropriarem das características de distintas áreas geográficas de modo a não haver generalizações em suas explicações. Além disso, é necessário explicar a seus alunos que há uma diversidade de variações do espanhol. Logo, o docente deve “adaptar mostras, buscar recursos, oferecer mostras de língua diferentes da sua ou das apresentadas no manual, ou seja, que representem a diversidade do espanhol”¹⁵ (ANDIÓN HERRERO e GIL BURMANN, 2013, p. 49).

4.3 Análise dos questionários

Para o questionário, elaboramos oito perguntas voltadas às experiências, crenças e ao conhecimento do professor não nativo no tocante às variações linguísticas. Sobre a formação desses professores e sua experiência com a língua espanhola, observamos que eles possuem licenciatura em Letras Língua Espanhola, a exceção do professor C, que possui licenciatura em Letras Língua Inglesa. O professor A ensina espanhol há mais de 20 anos; o professor B é especialista em língua espanhola, mestre em Ciências da Linguagem e trabalha há 10 anos com o ensino de espanhol; C, apesar de ser licenciada em Língua Inglesa, é mestre em Ensino de ELE, doutora em Linguística Textual e tem, aproximadamente, 22 anos com experiência no ensino de ELE; D é especialista em Língua Espanhola, mestre em Ensino e tem 7 anos de experiência no ensino de ELE.

No tocante à importância de ensinar as variações linguísticas do espanhol em sala de aula e o porquê, o professor A informou que não se trata de ensinar as variações, mas sim de informar ao aluno que há distintas variações e que todas têm importância; B considera o ensino das variações importante e sugere que o professor explique as características linguísticas usadas por comunidades específicas, pelo fato de estarem relacionadas a questões sociais, geográficas etc.; C afirma que o ensino das variações é importante e que elas devem ser ensinadas para não passar uma visão limitada e preconceituosa da língua alvo; D considera seu ensino relevante e que os alunos devem saber que não há uma única variação, mas sim várias e que todas são importantes.

Pelas respostas, inferimos que todos os professores reconhecem a importância das variações linguísticas, principalmente para romper o preconceito de que existe uma variante dialetal melhor ou pior. Com essa atitude, o professor mostra que não há um melhor espanhol a ser ensinado e que todas as variações são relevantes, o que corrobora com Farias (2018) quando afirma que todas as formas de falar têm a mesma importância e com Poch Olivé (2005) ao afirmar que o professor de ELE deve ensinar que a língua não é uniforme e que não existe uma única forma de falar espanhol que se possa considerar como mais ou menos correta.

Acerca do conhecimento do professor sobre as variações linguísticas do espanhol e quais são ensinadas em sala de aula, A argumenta que é difícil dizer que conhece todas as variações e que apenas identifica algumas, pois a diversidade do espanhol é enorme e cita as chilenas, argentinas, bolivianas e colombianas; B afirma

¹⁵ Texto original: adaptar muestras, buscar recursos, ofrecer muestras de lengua diferentes a la suya o a las presentadas en el manual, es decir, que representen la diversidad del español.

conhecer as diatópicas/geográficas, diafásicas/estilísticas e diastráticas/sociais; C informa que possui contato com as variações da Espanha, do Peru, da Bolívia, da Venezuela, do Chile, do México e da Argentina; e D diz que conhece o *seseo*, *voseo*, *leísmo* e *yeísmo*. Segundo Moreno Fernández (2019), o *seseo*, *voseo*, *leísmo* e *yeísmo* são características linguísticas encontradas em zonas dialetais, seja da América ou da Espanha.

Em relação ao ensino das variações, A respondeu que não ensina variação linguística, mas explica que elas existem; B diz utilizar principalmente a diatópica, mas sem entrar em detalhes sobre essa variação; C afirma que faz uso da variação neutra, mas com aspectos da variação padrão do espanhol formal da Espanha, por influência de sua formação; e D aborda em suas aulas o *seseo*, *voseo*, *yeísmo* e o *leísmo*, além de outras, a depender do conteúdo trabalhado.

Sobre qual(is) variação(ões) dialetal(is) do espanhol é(são) usada(s) em sala de aula e o motivo de sua(s) escolha(s), o docente A reforça que o professor que ensina variações linguísticas está cometendo um erro, pois leva o aluno a privilegiar uma em detrimento de outra, dizendo, ainda, que gosta de algumas variações da Argentina, devido a sua expressividade, mas que não utiliza nenhuma em específico; B afirma que usa as variações de Buenos Aires e de Madri, devido à possibilidade que teve de conhecê-las; C diz que utiliza o espanhol formal padrão da Espanha, por ser uma variação neutra que pode ser entendida internacionalmente; D, por sua vez, afirma que ensina o *seseo*, *voseo*, *leísmo* e *yeísmo* e que fez sua escolha devido a sua importância e para mostrar aos alunos que a língua não é estática.

O professor A ainda argumenta que alguns docentes preferem ensinar a variação peninsular e passam para os alunos como se esse fosse o espanhol bom, mas que considera isso como um erro didático; B diz que o importante é ter conhecimento das variações e refletir sobre seus usos; C afirma que cada profissional deve escolher como trabalhar com o idioma, mas que optar por uma variação neutra é mais benéfico para o ensino; D acredita que todas as variações são importantes para o ensino/aprendizagem.

Tendo em vista as respostas, observamos que um professor afirma não ensinar as variações e os demais dizem limitar-se a algumas zonas dialetais. No entanto, López González (2019) sugere que o professor deve aproveitar qualquer ocasião para aumentar o conhecimento do aluno sobre as variações, apresentando ferramentas que permitam ao aprendiz ampliar seu conhecimento nesta área, e também deve criar atividades sobre as variações do espanhol para que o aluno conheça sua riqueza linguística.

A respeito da variação dialetal do professor e onde a aprendeu, A destaca que não possui um dialeto em específico, mas que teve contato direto com falantes da Argentina e Bolívia, o que influenciou no espanhol que usa; B afirma que utiliza uma mescla de muitas variações e que as aprendeu pelo contato com professores cubanos, madrilenos e portenhos; C diz que usa a variação do espanhol formal padrão da Espanha e que foi sendo adquirida com experiências pessoais e acadêmicas, além de ter amizades com falantes nativos de espanhol; D afirma que fala o *leísmo* e que o aprendeu na universidade.

Por meio dessas respostas, percebemos que os docentes não têm a preocupação, como professores não nativos, de falar uma variação dialetal específica de algum país, pois procuram utilizar um espanhol mais neutro ou “mesclado”, como afirma um deles, porque assim não privilegiam nenhuma variação.

Com relação à forma que os docentes ensinam as variações linguísticas em sala de aula, o professor A enfatizou que não as ensina, mas que, se for para ensinar,

deve ser por meio de filmes, documentários, músicas e áudios produzidos por nativos. O docente B afirma que aborda as variações dialetais da Espanha (galego, basco e catalão) nos níveis iniciais e, nos níveis avançados, fala sobre as variações sintáticas: *pretérito indefinido* e *perfecto compuesto*, o *voseo*, o uso de *tú* e *usted*. O professor C ensina as variações de modo contextualizado e o professor D ensina as variações por meio de textos, atividades e discussões.

Acerca da dificuldade de ensinar as variações linguísticas, A destaca a falta de carga horária, B não falou sobre possíveis dificuldades, C afirma que o mais desafiador é a quantidade de países que têm o espanhol como língua oficial e D apresenta como dificuldade o fato de não conhecer todas as variações.

Sobre a formação dos docentes e sua participação em cursos de formação complementar direcionados ao ensino das variações linguísticas, destacamos que o professor A não recebeu formação para ensinar variação linguística, tampouco participou de cursos; B afirmou que participou de formações complementares, mas que seu conhecimento necessita de aprofundamento; C diz que recebeu formação na área de sociolinguística, tanto no mestrado como no doutorado, e que tem experiência acadêmica nessa área e D afirma que recebeu formação na graduação e que fez leituras sobre o tema.

Essas respostas revelam que há uma lacuna na formação desses profissionais, principalmente na licenciatura, o que vem a corroborar com pesquisas na área (FARIAS, 2018; SENEFONTE, 2017). Dessa forma, essa lacuna pode refletir negativamente na prática dos docentes, reforçada pela escassez, no mercado editorial, de materiais que trabalhem essa temática (SENEFONTE, 2017).

Dados os aportes teóricos e analíticos apresentados no decorrer desta pesquisa, finalizaremos nosso estudo dando continuidade às considerações finais suscitadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, como detalhamos, teve como objetivo geral analisar o processo de ensino das variações linguísticas nas aulas de ELE por professores não nativos. Os objetivos específicos consistiram em: verificar a abordagem do professor não nativo de espanhol para o ensino das variações linguísticas; descrever as atividades propostas para o ensino das variações linguísticas observando a relação que se estabelece com os demais conteúdos trabalhados; e averiguar a formação recebida pelo professor não nativo para o ensino das variações linguísticas.

Tendo em vista esses objetivos, após a realização da análise, verificamos que o material didático privilegia a variação peninsular padrão. Quanto às atividades direcionadas ao ensino da variação linguística, foram encontradas no livro 1, nível inicial, estando relacionadas a exercícios gramaticais e lexicais.

Como abordamos, o manual utilizado pelos professores carece de temas voltados para o ensino da variação linguística. A partir disso, julgamos que os docentes, cujas aulas analisamos, deveriam utilizar meios alternativos para sanar esse obstáculo. Porém, verificamos que eles não utilizam atividades planejadas para trabalhar outras variações. As poucas atividades encontradas no manual eram voltadas para o ensino da variação diafásica e diatópica e referentes ao uso formal e informal dos pronomes *tú*, *usted(es)*, *vosotros* e de explicações dadas sobre o *ceceo* e a pronúncia do dígrafo *ll*.

A variação levada à sala de aula pelos professores se restringe àquelas com as quais têm mais familiaridade. Atendendo a isso, é aconselhável que o professor não nativo de espanhol escolha uma variação padrão a ser ensinada, apresentando a seus alunos, na medida do possível, outras variações existentes. Sendo assim, os alunos, aos ouvirem, poderão reconhecê-las e interpretá-las. Por fim, os docentes também podem destacar que todas as variações têm seu valor social nas comunidades onde são faladas.

Os professores, durante sua formação inicial, recebem pouca ou nenhuma formação para ensinar as variações linguísticas. Portanto, o seu ensino é um desafio, visto que eles não têm claro o porquê, o quê, o quando e o como ensinar as variações linguísticas do espanhol.

Finalmente, podemos concluir que os professores reconhecem a importância de ensinar as variações linguísticas, mas, de acordo com a análise realizada, percebemos que seu ensino abarca poucos conceitos relacionados à variação linguística. Julgamos que isso esteja relacionado à realidade na qual se encontram, que não favorece o desenvolvimento desse assunto em sala, caracterizada pela deficiente formação para o seu ensino e pela falta de bons materiais desenvolvidos para tal finalidade.

REFERÊNCIAS

ANDIÓN HERRERO, M. A.; GIL BURMAN, M. **Las variedades del español como parte de la competencia docente: ¿Qué debemos saber y enseñar en ELE/L2?** Actas del I Congreso Internacional de Didáctica de Español como Lengua Extranjera del Instituto Cervantes de Budapest (2013), p. 47-59. Disponível em: 1nq.com/wGwKn. Acesso em: 27 out. 2020.

ANDIÓN HERRERO, M. A. Modelo Estándar y norma..., conceptos imprescindibles en el español L2/LE. **Revista española de Lingüística Aplicada**, nº 21, p 9-26, 2008. Disponível em: 1nq.com/bubZk. Acesso em: 20 out. 2020.

BASTOS, R. L. **Ciências humanas e complexidades. Projetos, métodos e técnicas de pesquisa:** o caos, a nova ciência. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

CARBÓ, C.; *et al.* Estándar oral y enseñanza de la pronunciación del español como primera lengua y como lengua extranjera. **ELUA** - Estudios de Lingüística de la Universidad de Alicante, 2003, pp. 161-179. Disponível em: encr.pw/7zgf6. Acesso em: 07 abr. 2021.

CASTRO VIÚDEZ, F.; RODERO DÍEZ, I. & SARDINERO FRANCO, C. **Español en Marcha 1:** Curso de español como lengua extranjera. Madrid: SGEL, 2006.

CASTRO VIÚDEZ, F.; RODERO DÍEZ, I. & SARDINERO FRANCO, C. **Español en Marcha 2:** Curso de español como lengua extranjera. Madrid: SGEL, 2006.

CASTRO VIÚDEZ; *et al.* **Nuevo Español en Marcha 4.** Madrid: SGEL, 2013.

CASTRO VIÚDEZ, F.; RODERO DÍEZ, I. & SARDINERO FRANCO, C. **Nuevo Español en Marcha 4**. Madrid: SGEL, 2014.

COLOMA, G. Caracterización fonética de las variedades regionales del español y propuesta de transcripción simplificada. **Revista de Filología Románica**, vol. 26, 2011, pp. 11-27. Disponível em: 1nq.com/qk5Kr. Acesso em: 10 julho 2021.

CONTRERAS IZQUIERDO, N. M. “Variedades lingüísticas y ELE. La variación diatópica en el léxico coloquial del español: formación del profesor, recursos, orientaciones metodológicas e implicaciones didácticas”. In: Níkleva, D. G. (ed.). **La formación del profesorado de español como lengua extranjera**. Necesidades y tendencias. Bern, Peter Lang, 2017, 283-310.

DELGADO FERNÁNDEZ, R. M. “Las variedades diatópicas como fuente de dificultades en la elección de un modelo de lengua trasladable al aula de E/LE”. In: CABEDO NEBOT, A.; AGUIAR RUIZ, M. J.; NAVARRO VIDAL, E. L. (eds.). **Estudios de lingüística: investigaciones, propuestas lengua y como lengua extranjera**. ELUA - Estudios de Lingüística de la Universidad de Alicante, 2013, pp. 161-179. Disponível em: <http://liceu.uab.es/>. Acesso em: 10 set. 2020.

FARIAS, M. S. **La enseñanza de la pronunciación del español a estudiantes potiguares y cearenses**: diagnóstico y propuesta didáctica. 2018. 368f. Tese (Doctorado Español: investigación avanzada en lengua y literatura) – Facultad de Filología. Universidad de Salamanca, 2018.

FERNÁNDEZ VÍTORES, D. **El español**: una lengua viva. Informe 2021. Coord. Dirección Académica del Instituto Cervantes, 2021. Disponível em: 1nq.com/gDFI7. Acesso: 15 julho 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Atlas, 1999.

GRANDE ALIJA, F. J. “La diversidad del español a través de los manuales de E/LE. ¿Qué lengua enseñan?” In: MARTIN ZORRAQUINO, M. A. y DIEZ PELEGRÍN, C., eds., **¿Qué español enseñar?**: norma y variación lingüísticas en la enseñanza del español a extranjeros. Actas del XI Congreso Internacional de la ASELE. Zaragoza, 2000, 393-402. Disponível em: 1nq.com/mkRij. Acesso em: 15 jan. 2021.

IRUELA, A. Las variedades de la lengua. In: **Adquisición y enseñanza de la pronunciación en lenguas extranjeras**. 2004. 383 p. Tese (Doutorado en Enseñanza de Lengua y Literatura). Universidad de Barcelona; Barcelona, 2004. Disponível em: 1nq.com/iLhut. Acesso em: 20 out. 2022.

LO, Ya F. **Cine y Variedades del Español. Materiales Para Alumnos Taiwaneses**. Tesis (Doctorado en Letras) – Facultad de Filología: Departamento de Lengua Española, Universidad de Salamanca. Salamanca, 446 p. 2019. Disponível em: <https://gredos.usal.es/handle/10366/141051>. Acesso em: 15 julho 2022.

LÓPEZ GONZÁLEZ, A. M. Español neutro – español latino: hacia una norma hispanoamericana en los medios de comunicación. **Roczniki Humanistyczne**, vol. 67, n. 5, 2019. Disponível em: 1nq.com/molN0. Acesso em: 11 maio 2021.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Qué español enseñar**. Madrid: Arco libros S.L., 2007.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Variedades de la Lengua Española**. New York: Routledge, 2019.

POCH OLIVÉ, D. “Los contenidos fonético-fonológicos”. *In*: SÁNCHEZ LOBATO, Jesús; SANTOS GARGALLO, Isabel (Org.). **Vademécum para la formación de profesores**: enseñar español como segunda lengua (L2)/lengua extranjera (LE), Madrid: SGEL, 2005, p. 753-765.

PONTES, V. O. Variação linguística: da teoria ao ensino de línguas. *In*: VIDAL, R. M. B.; BERNADINO, R. A. S.; PONTES, A. L. (Orgs.). **Produção e Ensino de Texto em Diferentes Perspectivas**. Mossoró: Edições UERN, 2014, p. 96-104.

RICHARD, E. Las variedades del español en la enseñanza como lengua segunda/extranjera. **Revue de l'édition 2014 de VocUM**: Colloque multidisciplinaire sur le langage. 2015, p. 131-143. Disponível em: l1nq.com/419nh. Acesso em: 08 set. 2020.

RODRÍGUEZ PUÉRTOLAS, J.; *et al.* **Lengua Castellana y Literatura II**. Madrid, Ediciones Akal, S. A. 2004.

SENEFONTE, F. H. R. Percepções de professores sobre variação linguística nas aulas de língua inglesa. **Revista Entrelinhas**, vol. 11, n. 1, 2017. Disponível em: l1nq.com/HNhW6. Acesso em: 19 out. 2021.

VALCÁRCEL, J. G-P.; SALVADOR, R. Z. **Lengua Castellana y Literatura I**. España: Ministerios de Educación, Cultura y Deporte, 2008. Disponível em: l1nq.com/MMuBF. Acesso em: 20 set. 2020.